

A representação da identidade de masculino pelo discurso do programa “Hoje em Dia” da Rede Record: Um esboço¹

Daniela POLLA²

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Esta análise origina-se do projeto de TCC apresentado por mim ao Curso de Jornalismo do CESNORS-UFSM. Constitui-se em um estudo piloto da representação de masculino como público alvo do programa “Hoje em Dia” da Rede Record de Televisão, pelo discurso das cabeças das matérias. O estudo é feito com base na Análise Crítica do Discurso, de acordo com o modelo tridimensional de análise de Fairclough. Entre os resultados da análise de um episódio da atração temos que o masculino não é explicitamente representado como público alvo do programa, o que existe é uma visão geral de público que é, ao mesmo tempo, masculino e feminino.

Palavras-Chave: Análise de Discurso; Representação; Masculino.

Introdução

Este artigo origina-se de meu pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)³ produzido para a disciplina curricular de Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação. Portanto, este texto trata da coleta e análise pilotos que subsidiarão a pesquisa de maior fôlego a ser construída para o TCC do Curso de graduação em Jornalismo. Logo, o *corpus* desse piloto é menor e restrito, justamente para, numa etapa posterior, permitir o atingimento de maior profundidade analítica e assegurar a cientificidade da pesquisa.

A pesquisa proposta para o TCC acima referido tem como tema a análise da construção e da representação do masculino pelo discurso dos textos das cabeças de abertura⁴ das matérias exibidas pelo programa “Hoje em Dia”(doravante tratado simplesmente como HeD) da Rede Record de Televisão. Para fins desta pesquisa, produzida exclusivamente para submissão a este evento, sendo um estudo piloto da pesquisa maior que será produzida para meu TCC, adoto como *corpus* de análise o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmica do sétimo semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo do Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul – UFSM.

³ O projeto de TCC, assim como este artigo, são produzidos sob orientação do Professor Mestre Fabio Silva.

⁴ Neste estudo adoto a definição de “cabeça de matéria” como o texto de abertura que “funciona como ‘gancho’ para introduzir a notícia e estimular a atenção do telespectador pelo assunto tratado”. (cf. REZENDE, 2000, p. 149). Apesar de não se tratar de um jornalístico, a aproximação deste conceito com a prática do “Hoje em Dia” é pertinente.

discurso das cabeças de abertura das matérias do programa exibido na terça-feira, dia 30 de junho de 2009.

A edição aqui analisada foi escolhida por se mostrar como representativa daquilo que será a amostra da redação final ao TCC, no qual analisarei uma semana útil inteira da atração. Optei por um programa, nem do início, nem do final da semana na tentativa de eliminar a incidência e recorrência de eventos que influenciassem a pauta do programa, bem como o discurso dos apresentadores.

Por tratar-se apenas de um ensaio de minha pesquisa de TCC, para esta análise tenho por objetivo investigar em que medida o masculino é explicitado, ou não, como sendo público alvo do HeD.

Cabe destacar aqui o ineditismo desta pesquisa uma vez que, em análise crítica do discurso, não se têm estudos que tratem da representação do masculino em programas televisivos matutinos. A análise torna-se pertinente no momento em que se percebe que o HeD é o primeiro programa matutino, dos canais abertos, que conta com a presença de homens na apresentação do programa. O formato conta com quatro apresentadores: dois homens e duas mulheres. O HeD vai ao ar de segunda a sábado, das 9 horas e 30 minutos ao meio dia. Os apresentadores levam ao ar informações, conteúdos de moda e celebridades, além de culinária. A seguir contextualizo, brevemente, a abordagem analítica que pretendo utilizar neste trabalho: a Análise Crítica do Discurso.

Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso⁵ (ACD) é um campo amplo e inquietante. Os estudos de ACD tiveram início na década de setenta e objetivam estudar as linguagens nas sociedades contemporâneas. Para Norman Fairclough

a proposta da análise de discurso crítica é prover base científica para questionamentos críticos da vida social em termos políticos e morais, ou seja, de justiça social e de poder. Partindo da consideração da linguagem como prática social, os estudiosos da ADC vêem o discurso como modo de ação, e também de representação, além de levarem em

⁵ Alguns tradutores também utilizam a expressão “Análise de Discurso Crítica”, ou “ADC”. Em minha redação opto por “Análise Crítica do Discurso” ou “ACD” e entendo ambas as possibilidades como equivalentes.

conta, em suas análises, a dialética entre a prática social e a estrutura social (FAIRCLOUGH apud GABRIELI, 2007, p. 01).

É exatamente esta a proposta de uso da Teoria Crítica do Discurso nesta análise: questionamentos críticos da vida social. Por meio desse tipo de análise verificar de que maneira o discurso (re)produzido pelo programa HeD constrói ou representa o público-alvo do formato constituído também pelo público masculino e não somente pelo feminino, como fazem as atrações congêneres das demais emissoras correlatas.

Outro ponto a ser destacado em ACD é o que nos revela Wodak (2003), parafraseada por Pedrosa⁶,

A ACD propõe-se a estudar a linguagem como prática social e, para tal, considera o papel crucial do contexto. Esse tipo de análise se interessa pela relação que há entre a linguagem e o poder. É possível defini-la como uma disciplina que se ocupa, fundamentalmente, de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam através da linguagem (PEDROSA, S/D).

Pedrosa (S/D) observa que “nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente”. O que se encaixa com o objetivo desta pesquisa, ou seja, verificar em que medida os textos do programa HeD, da Rede Record, estabelecem a diferenciação entre gêneros masculino e feminino e colabora, por meio de seu discurso, para a reprodução, manutenção ou alteração dessa identidade de gênero.

No artigo “Análise Crítica do Discurso: Uma Proposta para a análise crítica da Linguagem”, Pedrosa (S/D) define alguns conceitos básicos na Análise Crítica do Discurso, que são: discurso, contexto, sujeito, identidade, intertextualidade e interdiscursividade, crítica, ideologia e poder. O Discurso “é um modo particular de construir um assunto, e o conceito difere de seus predecessores por enfatizar que esses conteúdos ou assuntos – áreas de conhecimento – somente entram nos textos na forma mediada de construções particulares dos mesmos” (FAIRCLOUGH, 2001, 64 apud PEDROSA, S/D).

⁶ O material da autora utilizado neste referencial está disponível na internet, no site: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>. Porém, não há indicação de ano ou paginação. Por conta disso as citações da autora ficarão sem estas referências, o que marquei com a forma abreviada da expressão “Sem Data”, (S/D)

O contexto tem importância ímpar na Análise Crítica do Discurso, já que esta somente compreende o discurso dentro de um contexto, como explicita Fairclough (2003 apud PEDROSA, S/D): “Os discursos são históricos e, destarte, só podem ser entendidos se em referência a seus contextos.” Ainda segundo Fairclough (apud PEDROSA, S/D) os sujeitos têm papel importante na ACD já que não são “sujeitos assujeitados” como costuma ser entendido, por exemplo, dentro das correntes mais tradicionais da Análise de Discurso Francesa (AD). Esse sujeito é, ao mesmo tempo, moldado pelas práticas discursivas e também tem poder para remodelar e reestruturar essas práticas.

Essa interação é capaz de atuar com ênfase não só nas estruturas sociais, como na construção da identidade dos sujeitos sociais. Logo a identidade

tem a ver com a origem social, gênero, classe, atitudes, crenças de um falante, e é expressa a partir das formas linguísticas e dos significados que esse falante seleciona, passando-se à maneira como o produtor de um texto (editor) retextualiza a fala de um locutor, atribuindo-se uma identidade e outra para esse locutor (PEDROSA, S/D).

Essa retextualização, da qual fala Pedrosa, implica em intertextualidade e interdiscursividade, conceitos também explorados pela ACD, visto que esta analisa as relações dos discursos com outros que lhe são recorrentes. Por fim, Pedrosa (S/D) entende que as noções de crítica, ideologia e poder “são básicas para a ACD”. Entende-se a crítica, segundo Wodak, como o resultado de certa distância dos dados, considerados na perspectiva social e mediante uma atitude política e centrada na autocrítica. Já ideologia é um termo utilizado para indicar o estabelecimento e conservação de relações desiguais de poder. Ela “se refere às formas e aos processos sociais em cujo seio, e por cujo meio, circulam as formas simbólicas no mundo social” (WODAK, 2003, p. 30, apud PEDROSA, S/D).

Representação da identidade masculina

A diferenciação no tratamento dos gêneros sociais é clássica em nossa sociedade e pode ser apontado como um traço comum e marcante de praticamente toda e qualquer cultura. Mesmo antes do nascimento, o feto é submetido a diferenciações de gênero e, após nascer, precisa adaptar-se a elas. Desde cedo as crianças são educadas sobre a

forma como devem ser e agir, ou seja, são educadas a se comportarem intersubjetivamente de acordo com as características de seu sexo biológico. Portanto, as marcas da diferenciação em gênero estão presentes em nossa vida diariamente desde sempre e de maneira muito enfática.

O que cabe ressaltar aqui é que o masculino vem sendo tratado como forte e ativo, ao passo que o feminino é tratado exatamente de forma oposta, como sendo fraco e passivo. Isso fica explícito não só nas práticas sociais, mas também nas trocas simbólicas estabelecidas via linguagem, pois

No jogo lingüístico as dicotomias são montadas sobre dois pólos hierarquizados que diferem e se opõem como se cada um fosse uno e idêntico a si mesmo. Um dos pólos possui a marca da superioridade e da dominação (homem-público-ativo-forte-potente-guerreiro-racional), enquanto o outro concentra os elementos da inferioridade e da submissão (mulher-doméstica-passiva-fraca-impotente-pacífica-emocional) (ALVES, 2001, p. 9).

Segundo Colling (2004, p. 13), isso aconteceu porque desde que a História surgiu, no século XIX, como disciplina científica, ela foi elaborada por homens. O lugar da mulher dependeu, por muito tempo das representações dos homens que foram por muito tempo os únicos historiadores. Ainda segundo a autora, os homens

escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e a história das mulheres desenvolveu-se à margem. [...] Responsáveis pelas construções conceituais, hierarquizaram a história, com os dois sexos assumindo valores diferentes; o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino (COLLING, A., 2004, p. 13).

Contemporaneamente, contudo, o que se percebe é a existência de um sexo feminino que passa a tomar conta do lar, a chefiar a família e, muitas vezes, a ter uma posição superior em relação ao sexo masculino. Rutherford (1990, apud SILVA, 2000, p. 19) apóia esse posicionamento, pois defende a tese de que “a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora... a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”.

Essas mudanças na identidade do feminino que estamos verificando nas relações culturais e sociais contemporâneas ficam explícitas nos dados do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE)⁷ que mostram que, nos últimos anos, ocorreu um salto no número de mulheres que chefiam as famílias. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2006, em sua síntese de indicadores sociais, mostra que de 1996 até o ano de 2006 o número de mulheres chefiando as famílias brasileiras saltou de 10,3 milhões para 18,5 milhões, subindo de 9,1 % em 1996 para 20,7% em 2006. Verifica-se aí uma alta de 79% no número de lares chefiados pelo sexo feminino, até então considerado fraco e passivo.

Mas até que ponto a exaltação de uma representação da identidade feminina que começa a tomar características até então tidas como masculinas, como por exemplo, o provimento de recursos para a família, altera a identidade de masculino vigente? O feminino saindo de sua passividade e tornando-se ativo, permite que a representação de um masculino passivo seja aceitável?

Inicialmente, talvez fosse possível afirmar que o programa sobre o qual me debruço nesta análise é de vanguarda, pois também conta com dois homens em sua apresentação, uma vez que percebe haver um público masculino que permanece em casa pela manhã. Nesta análise busco investigar como o discurso das cabeças de abertura das matérias do programa HeD representa e constrói a imagem de identidade masculina daquele homem que está em casa nesse horário. Homem esse que, pelo padrão social vigente, deveria estar fora de casa desempenhando sua função profissional e sem acesso à programação televisiva com o intuito de prover o sustento financeiro de sua família. Busco investigar até que ponto é, ou não, socialmente aceitável que o homem deixe de prover o sustento da família. A grande questão aqui é: o discurso do programa HeD é de vanguarda e admite a presença de um homem em casa nas manhãs, ou apenas reitera os padrões vigentes, ainda não admitindo claramente a percepção do masculino como passivo, doméstico?

Métodos e Pressupostos de Análise

Buscando desvendar a medida desta representação da identidade de masculinidade representada e construída pelo discurso das cabeças de matéria do

⁷ Dados disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/09/28/297924968.asp>. Último acesso em: 30 jun. 2009.

programa HeD adoto, para esta análise, os métodos e pressupostos descritos nos parágrafos que seguem.

Inicialmente foi efetuada a gravação do áudio do programa do dia 30 de junho de 2009. Em seguida foi feita a transcrição do discurso das cabeças de matérias do mesmo. De posse da transcrição do áudio passei à análise propriamente dita de acordo com a metodologia de ACD proposta por Fairclough em seu primeiro modelo de análise crítica do discurso, o modelo tridimensional que olha para: texto, práticas discursivas e práticas sociais.

Essa proposta analítica busca decompor o discurso com base em três instâncias: a) o texto, que trata das opções gramaticais e lexicais das quais os autores do discurso lançam mão; b) as práticas discursivas, que tratam das condições de produção, distribuição e consumo desses textos, ou seja, como o discurso se presta à construção e controle social, bem como é utilizado como instrumento de poder; e c) as práticas sociais, momento em que se busca identificar como o discurso influencia a sociedade e como reitera certos padrões, atualiza-os ou, até mesmo, cria novos.

Preciso destacar, nesta seção, que para a análise da dimensão textual, faço uso da classificação segundo o modelo da rede de representação dos atores sociais desenvolvida por van Leeuwen (1997 apud SILVA, 2007). Esse modelo parece útil e adequado a esta proposta de análise, uma vez que

O modelo de análise proposto por van Leeuwen busca detectar como os sujeitos são representados nos mais variados gêneros discursivos a partir de categorias não só lingüísticas, mas também sociológicas, estabelecendo uma rede de representação dos atores sociais. (SILVA, 2007, p. 32).

É importante destacar que van Leeuwen propôs uma rede de formas de representação dos atores sociais. O autor estabelece um olhar crítico e sociológico sobre as maneiras de representação dos atores sociais. Esse modelo tem duas categorias básicas a partir das quais todas as demais se desenvolvem: a inclusão e a exclusão. Destaco aqui a categoria da exclusão que é a mais relevante para minha análise.

Segundo van Leeuwen (apud SILVA, 2007), quando os atores são excluídos eles não são representados no discurso, mas são escondidos pelas estratégias discursivas

adotadas pelos autores do texto. Há várias razões para que a exclusão seja adotada, entre elas pode-se destacar

a) a suposta irrelevância dos participantes; b) o fato de, por já comporem o contexto, eles (os agentes) poderem ser suprimidos; c) o fato de, por não poderem/deverem ser identificados de forma direta e clara, os agentes serem deixados de fora; e d) não haver vontade do autor em identificar o agente. A *exclusão* pode ser discursivamente viabilizada sob as formas de *encobrimento* ou *supressão* (SILVA, 2007, 34).

Essas duas formas de materialização da exclusão no texto podem, cada qual, identificar efeitos discursivos específicos que os autores dos textos têm sobre o público consumidor daquelas informações. Na supressão, por exemplo, “não são feitas referências ao ator social. O apagamento do agente da passiva, a não citação àqueles que seriam os beneficiados por certas ações, a ocorrência de orações no infinitivo e a utilização de nominalizações são indícios de supressão do agente” (SILVA, 2007, p. 34). Já nas ocorrências do encobrimento

os agentes não assumem primeiro plano e detêm pouca visibilidade, entretanto não ficam de todo excluídos, pois podem ser referidos de forma indireta, concedendo ao leitor a chance de identificá-los. É possível encontrar tentativas de encobrimento em orações passivas com agente explícito e nas elipses do texto, que levam o leitor, de forma sutil, a esquecer o agente (SILVA, 2007, p. 34).

Em minha análise dedico atenção especial ao público a que o programa se destina. O ator social analisado é o público do programa, evidenciado pelo discurso do HeD. Na seção seguinte passo a realização da análise propriamente dita, de acordo com os métodos e pressupostos acima estabelecidos.

Análise

Para proceder à análise da dimensão *textual*, segundo o modelo tridimensional de Fairclough, seguindo a orientação prevista pela representação dos atores sociais de van Leeuwen.

Inicialmente, então, analiso as opções lexicais feitas pelos apresentadores do programa. Quando se referem aos espectadores, nas cabeças de abertura das matérias, usam sempre o pronome pessoal “você”. Usam, também, o substantivo “telespectador”.

Estas opções indeterminam o gênero do espectador: se feminino ou masculino. Em nenhum momento são feitas opções lexicais que flexionem em gênero o público a que se destina o programa. Com isso, é possível verificar que a representação do público do programa se dá por exclusão. Essa categorização dá-se por supressão, já que não são feitas referências claras aos sujeitos aos quais o formato destina-se.

Já na dimensão da *prática discursiva*, as opções de representação de público alvo estabelecidas pela dimensão *texto*, criam o sentido de um público indeterminado em gênero. A prática discursiva cria o sentido de um público geral, amplo. Não é um público específico. Nem masculino, nem feminino.

Em regras gerais, na gramática brasileira, o masculino é usado genericamente para categorizar masculino e feminino. Assim, a opção pelo uso do pronome “você” e do substantivo “telespectador” evidencia a exclusão da classificação em gênero. A opção pelo não uso de expressões como “você dona de casa”, “minha amiga de casa” (comuns nos programas matinais), dá-se porque não seria confortável ouvir, em contrapartida, expressões que incluiriam o público masculino como “você dono de casa”, “meu amigo de casa”. Com isso, a opção discursiva de categorizar um público alvo, que é geral (masculino e feminino), exclui as determinações de gênero feitas nos demais programas matutinos que usam expressões do tipo “acorda menina”, “vem cá menina”. Essa percepção de um público que também é masculino fica evidenciada pela exclusão da classificação em gênero, porém essa percepção de público masculino não é marcada de forma explícita no discurso.

A não marcação de gênero do público a que o programa se destina reside textualmente na opção lexical do uso de “você” ou “telespectador”. Já em termos de prática discursiva caracteriza-se pela exclusão do feminino e do masculino propriamente ditos, sendo usada uma determinação genérica de público alvo do programa, que se refere tanto para masculino quanto para feminino. Percebe-se que há uma preocupação, também, com o público masculino, porém sem marcar especificamente este no discurso. O público fica marcado como geral, excluem-se as determinações de gênero com vistas a preocupar-se com um público que é masculino e ao mesmo tempo feminino.

A imprecisão do ator social que é público alvo do HeD é proposital, no sentido de que a explicitação de um público masculino possivelmente afastaria o feminino, bem como a explicitação de um público feminino afastaria o masculino. Inicialmente parece

que há uma preocupação clara e explícita com o masculino como público alvo do HeD, pela presença de dois homens na apresentação do programa, percepção que é negada quando analisamos o discurso. Isto porque a classificação em gênero é inexistente no discurso. Levando ao sentido de um público que é ao mesmo tempo masculino e feminino, exatamente pela característica que tem nossa gramática de tratar o masculino como geral. Por isso o uso do pronome “você”, que não possui gênero, e do substantivo “telespectador”, que ao mesmo tempo em que é masculino serve, neste caso, para caracterizar um público que é masculino e feminino.

Outra razão que pode levar o HeD a não explicitar o gênero de seu público, como fazem os formatos da demais emissoras, é que considerando a característica social que temos é “natural” que o homem seja o provedor de recursos e a mulher a dona-de-casa. Aí entendemos porque ainda não é socialmente aceitável que se explicita a visão de um homem que está em casa de manhã. As opções lexicais que não flexionam em gênero nos levam ao sentido de que ambos, masculino e feminino, estão incluídos como público alvo do HeD. Isto para que ao mesmo tempo em que se inclui o masculino não se exclua o feminino e vice-versa.

Na esfera da dimensão de *prática social* pode residir uma importante comprovação. A indeterminação do gênero de público alvo influencia (ao mesmo tempo em que também é por ela influenciada), a representação de gênero. O formato do HeD, em primeira análise, pela presença do masculino marcada por dois apresentadores homens, parece perceber um público masculino em casa no horário da manhã. Porém, ao analisar o discurso, nas dimensões de *texto* e de *prática discursiva*, parece perceptível que ainda não é socialmente aceitável que à identidade masculina sejam associadas características de passivo e doméstico. Por isso, o discurso do programa HeD, analisado na dimensão de *prática social*, não evidencia a percepção de um público masculino em casa nas manhãs. Ao contrário, indeterminando o público alvo do programa o discurso cria a ideia de um público que pode tanto ser masculino quanto feminino. Mas não há a representação ou construção de uma identidade de masculino que constitua o público alvo do programa. O que verifico, socialmente falando, é a indeterminação de público alvo, reiterando, assim, a não aceitação de um masculino passivo e doméstico. De forma oposta, a exclusão do ator social telespectador masculino reitera o padrão vigente de um masculino que é ativo e público, contudo não descarta a

participação desse público como consumidor desse programa de entretenimento. Em vez disso, ao não marcar textualmente nem o masculino nem o feminino, a redação das cabeças de abertura do programa HeD integra e contempla esse potencial público consumidor e amplia seu espectro de audiência, sua capacidade de circulação, de consumo e, por conseguinte, a capacidade de vendagem de seus espaços publicitários.

Considerações

Ao encerrar esta análise, considerando o objetivo inicial que é a investigação da forma como a identidade masculina é representada em HeD, percebo que o masculino não é explicitamente tido como público alvo do programa pelo discurso das cabeças das matérias, já que esse público não é textualmente marcado. Afinal, em momento nenhum no discurso das cabeças há opções lexicais que caracterizem o masculino. O tempo todo, no programa, são usadas expressões genéricas que excluem a representação específica de masculino, ao mesmo tempo que incluem feminino e masculino.

Além disso, é importante destacar a percepção de um masculino que ainda é tido como ativo e provedor de recursos. A não representação explícita de masculino como público do HeD deve-se ao fato de que ainda não parece socialmente aceitável que o homem seja passivo e doméstico.

Para encerrar destaco a importância desta análise uma vez que o HeD é o primeiro programa matutino televisivo que inclui o masculino como público alvo, mesmo excluindo sua representação direta textual. A presença de dois apresentadores homens, o discurso que trata o público alvo como geral, inclui sim o homem como público alvo do programa, percebe sim um homem que está em casa no horário da manhã, sem excluir o feminino.

Assim, para concluir, destaco que este estudo contribui para percebermos que as identidades mudam de acordo com o tempo e o contexto, que as mudanças sociais influenciam nas mudanças de identidade e de representação destas identidades, o que fica claro no momento em que um programa matutino admite um público alvo que também é masculino.



Referências Bibliográficas

ALVES, J. E. D., O Discurso da Dominação Masculina. Disponível em:
http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT_Pop_Gen_Alves_Text.pdf. Último acesso
em: 30 jun. 2009.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M.N.;
CABEDA, S. T. L.; PREHN, D.R. (orgs.), **Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas**. Porto
Alegre: EDIPUCRS, 2004

DELA-SILVA, Silmara Cristina, Televisão como Objeto Discursivo: o Discurso Televisivo no
Brasil, 2007. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0566-2.pdf>. Último acesso em:
28 de abril de 2009.

GABRIELLI, C. P., Análise Crítica do Discurso e Teoria Feminista – Diálogos frutíferos, 2007.
Disponível em:
[http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CASSIANA%20PANISSA%20GABRIELLI.p
df](http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CASSIANA%20PANISSA%20GABRIELLI.pdf). Último acesso em: 30 jun. 2009.

NEGRINI, M., **Criminosos e vítimas no discurso televisivo: um estudo do programa Linha
Direta**. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNirev_Negrini.PDF. Último
acesso em: 30 jun. 2009

PEDROSA, C. E. F., **Análise Crítica do Discurso uma proposta para a análise crítica da
linguagem**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>. Último acesso em: 30
jun. 2009.

REZENDE, G. J., **Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial**. 2 ed. São Paulo: Summus,
2000.

SILVA, F. **“Eu consegui!”: a representação de identidades corporais contemporâneas no
discurso midiático sobre o emagrecimento**. 2007. 117f. Dissertação (Mestrado em
Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2007. p. 32-
40.

SILVA, T. T. (org.), **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 2 ed.
Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TRAQUINA, N., **O Estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2001.

REDE Record. Disponível em
<<http://www.rederecord.com.br/programas/hojeemdia/interna02.asp>>. Acesso em 10 jul 2009.